

CULTURA DIGITAL E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS: UMA DISCUSSÃO SOCIOLÓGICA DISCURSIVO-IMAGÉTICA PARA A PRÁXIS DOCENTE

Marcel Pereira Pordeus¹
Marta Marques de Paiva Alves²
Helton Souza Brito³
Antônio Valter Martins Sampaio Júnior⁴
Rafael Lima Montenegro⁵
Rosilene Mesquita de Deus⁶
Marcia Faria Alves da Silva⁷
Marijane Serpa do Amaral⁸
Maria Aurenisa Pereira de Sousa Aguiar⁹
Elisabeth Alves Queiroz¹⁰
Ana Paula Lopes de Castro¹¹

RESUMO: Este artigo propõe um estudo acerca da cultura digital e construção de conhecimentos, tendo a análise sociológica discursivo-imagética para a práxis do professor, como o cerne desse estudo. Para tanto, problematizar a imagem como objeto de pesquisa nos incita à investigação dos aspectos multimodais e culturais do discurso imagético, tendo o escopo de análise de imagens e seus significados, um percurso que se encontra por trás do não dito, das entrelinhas e subjetividades apresentadas nas subjetividades do discurso. Com efeito, essa proposta se insere no campo da Sociologia, pela análise sociológica discursivo-imagética, em que averiguar os discursos da imagem se torna um desafio recorrente na cultura digital, principalmente para o docente, que se utiliza dos recursos digitais como ferramentas metodológicas para o ensino e aprendizagem.

512

Palavras-chave: Cultura digital. Análise sociológica. Discurso. Imagem.

I INTRODUÇÃO

Analisar o objeto de estudo que consiste a cultura digital no universo dos docentes não é uma tarefa tão simples quanto se parece, relativamente à lógica de que são contextos e práticas que buscam alcançar finalidades de aprendizados, contanto, ao se

¹ Instituição: Universidade Estadual do Ceará.

² Instituição: Universidad Interamericana.

³ Instituição: Universidad Interamericana.

⁴ Instituição: Universidad San Carlos.

⁵ Instituição: Universidad Del Sol.

⁶ Instituição: Universidad Del Sol.

⁷ Instituição: Universidad Interamericana.

⁸ Instituição: Universidade Estadual do Ceará.

⁹ Instituição: Universidad Interamericana.

¹⁰ Instituição: Universidad Interamericana.

¹¹ Instituição: Universidad Interamericana.

observar nuances de discursos, entrelinhas, significações de imagens e suas subjetividades nas narrativas, adentramos numa conjuntura de observação sociológica, que aduz o pesquisador na investigação do não dito, da intencionalidade do interlocutor e nas motivações das escolhas enunciativas (BAKHTIN, 2006).

Este trabalho, nesse sentido, envolve o contexto das tecnologias digitais, às quais atravessam as diversas culturas, cuja circulação tem estado cada vez mais intenso, gerando novas compreensões, novas necessidades, novas formações e aprimoramentos nas práticas educacionais (DE SOUZA; BONILLA, 2014). Nesse sentido, quando como resultado dessas necessidades, formações e compreensões descendem discursos eivados de saberes, ideologias e sentimentos que instigam e se realizam por meio da escrita, mais especificamente pelo discurso dos sujeitos, que podem ser imagéticos, multimodais e/ou dialógicos, na interrelação entre duas ou mais pessoas no enunciado.

Para tanto, as novas formas de conversação e de dialogismo, considerando o compartilhamento de informações, estão facilmente associadas à necessidade de rapidez e fluidez dos conteúdos disseminados, configurando-se como uma urgência anterior à própria necessidade do compartilhamento/transferência das informações: a velocidade com que o sentido é construído e partilhado sociologicamente (MITCHELL; LANGE, 2011).

Consoante Dionísio (2004; 2005), imagem e palavra mantêm com o passar do tempo uma relação intrínseca e cada vez mais integrada, contudo, percebe-se uma união maior entre o visual e o escrito, destarte, nossa investigação se debruçará peculiarmente para o aspecto multimodal identificado na oralidade e visualidade de um texto, que, grosso modo, é a matéria-prima do docente de Linguagens, códigos e suas tecnologias.

O desafio de interpretar imagens e de conhecer o que está em seu entorno, possibilita uma intencionalidade com funções sociais focado para a experiência do cotidiano. A cultura visual, segundo Freedman (2002), “[...] é a forma de viver e a maneira que dá forma ao nosso mundo, ao mesmo tempo em que é nossa forma de olhar o mundo”. Com isso, somos levados a interpretar todos os elementos significantes aos quais estamos expostos. No entanto, nem sempre estamos preparados para realizar uma leitura adequada destes símbolos. É um processo de educação do olhar.

Esse contexto tem sido cada vez mais adentrado à abordagem de textos reais, em virtude, tanto do crescimento e do uso disseminado dos meios digitais de comunicação

e informação nos ambientes virtuais de aprendizagem, quanto da velocidade que o suporte digital tem propiciado a essa disseminação. É neste momento em que se percebe o aspecto dinâmico e vivo da linguagem, que se flexibiliza e se molda aos contextos de interação comunicativa, como reforça Cavalcante (2017), ao estipular a ideia de que os sentidos são construídos pelo conjunto do constructo, mas que a base textual sempre é buscada de outros moldes já pré-determinados, os pré-textos (contexto).

Mesmo que ainda muito utilizada em todas as áreas do saber, a relevância das imagens e o discurso que delas provêm, constitui objeto de estudo no campo das ciências sociais há décadas, contanto, o que se presencia hoje é um elevado crescimento interdisciplinar e transdisciplinar da cultura digital na sociologia, história, psicologia, antropologia, dentre outras áreas do conhecimento, que se debruçam no discurso imagético para caracterizar e compreender os fenômenos sociais, na interlocução e dialogismo dos métodos de análises visuais (BANKS, 2012/2015; CHALFEN, 2011; COELHO; GODOI; COELHO, 2015).

Assim como Lenine menciona em sua música Paciência, “[...] a gente espera do mundo, o mundo espera de nós”, o mesmo raciocínio cabe ao analisarmos as mudanças culturais entre a lógica educacional e o mundo digital. Nesse sentido, Lévy (2010) explica que a desterritorialização exige uma nova territorialização, em analogia ao que é predito por Lavoisier ao afirmar que na natureza nada se perde tudo se transforma, isso porque ter acesso a determinada cultura (digital) propicia novas visões de mundo e novos recortes e perspectivas práticas, evidenciando o fato de que existe mais uma “reterritorialização”, como uma ressignificação (DELEUZE; GUATARRI, 1995). E, desse contexto, permear a cultura digital e analisar a construção de conhecimentos – tendo por base uma análise sociológica discursivo-imagética de docentes na conjuntura do ambiente virtual de aprendizagem – cria possibilidades para avaliar perspectivas práticas de atores sociais, seus discursos, as mudanças, transformações e criações por meio da análise sociológica discursivo-imagética.

Para tanto, Silveira (2009) defende que toda mudança, como é a que analisamos, com a incorporação da cultura digital, exige uma competição, põe em disputa do velho com o novo, cujas comunidades podem aderir de modo a ampliar sua fala, seus costumes, evidenciando a cultura, a contemporaneidade.

Nesse viés, a presença dessas tecnologias no cotidiano das pessoas tem sido

fator forte para a implementação das mesmas em sala de aula (DE SOUZA; BONILLA, 2014), vez que “[...] os hábitos, muito mais que qualquer outro aspecto, sejam biológico seja de qualquer forma natural, define a cultura do povo” (LARAIA, 2001, p. 34). Nesse sentido, já se entende a vinculação da cultura digital para a sala de aula, visto que, assim como se aprendem regras de convivência ou regras formais de uso de equipamentos escolares ou metodologias escolares usuais, os equipamentos e produtos têm implicado a adaptação dessas práticas “anteriores” ao mundo digital (DE SOUZA; BONILLA, 2014).

Essa conformidade moderna tem gerado modificações estruturais nos padrões de ensino-aprendizagem das escolas e dos corpos docentes, vez que (DE SOUZA; BONILLA, 2014, p. 26) os “[...] jovens não têm aceitado mais passivamente o que até então lhes era oferecido, recusando, dessa forma, práticas e espaços pedagógicos mais uniformes e rígidos, os quais não correspondem às suas necessidades e especificidades linguísticas e comunicativas”. Em contrapartida, há certa resistência quando à adaptação dos docentes ao mundo digital inserido no contexto da sala de aula, por fatores que buscam evidenciar este estudo: dificuldades com a capacitação de professores para a operacionalização e a própria cultura digital que é dificilmente aceita pelos docentes. Nesse viés, adentramos na análise sociológica, como forma de avaliar a cultura digital, as tecnologias inerentes aos recursos utilizados pelos docentes, a leitura da imagem como discurso do dito e não dito, em suas objetividades e subjetividades.

As diferentes formas de agir, de pensar e de se comunicar, por mais leve e tranquilo que sejam, tem gerado impacto às dinâmicas pedagógicas, às gestões escolares e aos próprios resultados em exames oficiais de proficiência nas diversas áreas do saber. Nesse sentido, urge que a escola, enquanto ambiente dotado da condição de estabelecer e propor reestruturações que lhes forem convenientes para as diferentes formas de aprendizagem e condições de formação, bem como trabalhar com as realidades que naquele espaço convivem, ainda não possuem em seu corpo docente profissionais que são beneficiados com políticas públicas que alcancem uma cultura digital assertiva, posto que se assim fosse, não teria havido tantas problemáticas quanto ao ensino remoto emergencial oriundo do novo contexto educacional provocado pela pandemia da Covid-19 (PORDEUS, 2021).

Para tanto, conhecer essa conjuntura de forma mais aprofundada, no âmbito da avaliação sociológica desses atores sociais, faz-se relevante num universo de cultura digital

em expansão e com o real crescimento da Inteligência Artificial para a construção do conhecimento e análise sociológica discursivo-imagética de docentes na conjuntura da sala de aula.

Nesse sentido, o que se destaca é o fato de que a cultura é mediada e determinada pela comunicação, inclusive, das próprias culturas, construindo sistemas de comunicação, códigos, linguagens e crenças estruturantes, os quais vão se enraizando ainda mais com o tempo (CASTELLS, 1999). Ademais, é imprescindível que o pilar da educação dentro das plataformas virtuais de aprendizagem seja lócus essencial para permear pesquisas que construam discursos com viés sociológico.

Com efeito, num contexto de modificação estrutural na cultura do processo pedagógico, com o atravessamento da cultura digital, como se situa o discurso dos atores sociais partícipes da construção do conhecimento, especificamente os que compõem a conjuntura do Ambiente Virtual de Aprendizagem e utilizam de imagens para construção de narrativas e interpretações?

De maneira geral, pode-se dizer que antes da apropriação do mundo dos alunos, a educação precisa tornar material e apropriável aos docentes a realidade digital, para que então seja possível manipular os contextos dos estudantes. Apesar do painel, não é novidade que “[...] não há TICs na formação inicial de professores” (BELLONI, 2012, p. 52), e tentar inseri-la na pós-formação se torna um desafio, haja vista que hodiernamente vivenciamos contextos governamentais em que há uma cultura política de estado, em que entra e sai governo de partidos diferentes, e mudam a estrutura e ementa de disciplinas que causam atrasos e demais problemáticas para docentes e discentes. Ou seja, assume características imagéticas e discursos que outrora era a normalidade da plataforma de aprendizagem (GODOI; UCHÔA, 2019).

2 REVISÃO DE LITERATURA

Compreende-se a Metodologia de Análise Sociológica Discursivo-Imagética não apenas no escopo de análise de imagens e seus significados, mas sim de todo um percurso que se encontra por trás do não dito, das entrelinhas e subjetividades apresentadas no imagético, ou seja, a partir de uma cultura digital presente nas plataformas de ambiente virtual de aprendizagem, em quadrinhos, análise de memes, é possível inferir significados por meio de traços multimodais, passíveis de avaliação

sociológica disponível nos enunciados (GODOI; UCHÔA, 2019).

Nesse viés, não se trata apenas de averiguar por meio de simples observação os dados presentes, mas sim na consecução de espaço epistemológico que permite aos pesquisadores debaterem a multissemiose dos signos imagéticos, em suas perspectivas, debates dialógicos e sociológicos inerentes ao contexto digital de interpretações (FLICK, 2004).

Multissemiótico, portanto, é perceber (SILVA, 2019) os diferentes sentidos (significados) atribuídos aos signos, em um mesmo contexto, a partir de intenções comunicativas diversas, lidando com um amplo contingente de formatos textuais e mídias audiovisuais (ROJO; MOURA, 2012). Em outras palavras, Silva (2019) resume o contexto multissemiótico como o desenvolvimento de habilidades dos sujeitos sociais leitores de conseguir lidar com distintas influências e convergências linguísticas e intercorrências semióticas envoltas à rotina dos sujeitos, ou seja, tais rotinas são processos envoltos e imersos no contexto social do indivíduo.

Nesse sentido, além das plataformas de ensino e aprendizagem, tais como os Ambientes Virtuais de Aprendizagem, deparamo-nos com o crescente uso das redes sociais e de comunicação, como o *Instagram* e *Whatsapp*, que também servem como suporte à educação e análise sociológica, percebe-se, por consequência, o crescente uso desses gêneros, em virtude de haver facilidade ao transmitir a mensagem, por meio de uma imagem com (ou não) um mínimo de caracteres. Esse é o contexto cotidiano de vida dos discentes, que pode e deve ser trabalhado para resgatar a atenção e a apreciação pragmática da linguagem, que nos incita numa análise sociológica dos atores partícipes desse contexto comunicacional (GODOI; UCHÔA, 2019).

Com efeito, na episteme ligada ao imagético e seu cunho social, a leitura também envolve ler imagens, alguns conseguem fazer a interpretação de imagens de propaganda, anúncios, mas não são capazes de ler uma pintura, acham que elas são apenas para serem visualizadas, admiradas, e não interpretadas, contanto, acreditamos que nessa ocasião seria necessária a exposição de alguns quesitos de níveis de leitura, visto que homologamos também que ler uma imagem não seja tão simples assim, já que somos acostumados com letras e numa imagem elas não aparecem, devido a isso a dificuldade para muitos leitores de compreender a significação dos trações multimodais presentes na

visualidade, principalmente se estas estiverem imersas numa cultura digital que fomenta aprendizados interdisciplinares e transdisciplinares (FREEDMAN, 2002).

A cultura visual, nas assertivas de Freedman (2002, online), “[...] é a forma de viver e a maneira que dá forma ao nosso mundo, ao mesmo tempo em que é nossa forma de olhar o mundo”. Com isso, somos levados a interpretar todos os elementos significantes aos quais estamos expostos. No entanto, nem sempre estamos preparados para realizar uma leitura adequada destes símbolos. É um processo de educação do olhar.

Quando inferimos a questão da relevância da visualidade, consoante homologação de Ferreira (1985, p. 85): “Não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente”, no entanto, ler uma imagem seria compreendê-la, interpretá-la, descrevê-la, decompô-la e recompô-la para apreendê-la como objeto e a conhecer. Portanto, uma imagem ao contrário de um texto, nos permite infinitudes de possibilidades de leituras devidos as relações de seus elementos, assim podemos ler uma mesma imagem devido ao nosso conhecimento de interpretação semiológica, iconográfica ou estética num contexto social. Nesse viés, Rieger (2003) cria uma digressão quanto à evolução dos estudos visuais a partir das mudanças sociais.

Com efeito, leitura dos espaços auferidos, que são os ambientes virtuais de aprendizagem, em seus cursos de Ensino a Distância, prevê um leque paradigmático que permite ao leitor expandir seu campo cognitivo, além de conquistar seu lugar de cidadão na sociedade. Posto que compreendermos ser na conjuntura das interpretações contidas nas narrativas imagéticas que identificamos por meio da análise sociológica os traços e símbolos que compõem a recepção da imagem e o carreamento de informações oriundas desta (SERRANO, 2008; ROSE, 2012).

Ademais, convencionou-se que a cultura digital incita à responsabilidade social; posto que é por meio dela que identificamos as inúmeras intempéries que assolam o mundo, na constelação de informações, interpretações, discursos, sejam estes de ódio ou de paz, mas que de certa forma instigam sentimentos, julgamentos e aprendizados. Mediante a essa assertiva, debruçamo-nos na investigação do caráter intrinsecamente imagético para a práxis docente, na análise sociológica presente no discurso imagético, que são mecanismos propulsores para melhor compreensão da tessitura textual de significados e ressignificados sociais

Com efeito, o estudo da multimodalidade se revela como um recurso promissor e importante na construção de sentidos dos textos de modo geral, razão pela qual tem despertado o interesse investigativo de muitos estudiosos, dentre estes linguistas cientistas sociais, que veem na análise sociológica discursivo-imagética, uma forma de propor densidade à questão da pesquisa. Kress (2010) demonstra como, hodiernamente, a linguagem ultrapassa as barreiras do texto e ganha novos aspectos relevantes para a compreensão do contexto.

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006, p. 20): “Numa cultura alfabetizada os meios visuais da comunicação são expressões racionais de significados culturais propícios a julgamentos e análises racionais”. Portanto, a multimodalidade amplia ainda mais essa noção, principalmente porque pode tornar mais explícita a relação entre os diferentes modos de representação na sociedade. Quando o autor cita o termo significado cultural, o mesmo se refere ao leque paradigmático que a sociologia do discurso imputa aos enunciados, principalmente aos imagéticos, que são discursos em forma de figuras, e discorrem por si só significados carregados de aspectos sociológicos.

CONCLUSÃO

Nesse estudo, problematizar a cultura digital num mundo globalizado, em que há acirrada competitividade por um mercado de trabalho, principalmente numa conjuntura de tecnologias digitais que substituem o trabalho humano, utilizar de leituras em discursos imagéticos, em suas objetividades e subjetividades, ainda nos faz diferenciados num contexto quase dominado por inteligência artificial. Portanto, o docente, enquanto figura necessária ao processo mediador de ensino-aprendizagem, é uma ferramenta perspicaz nesse universo sociológico do discurso, da construção do conhecimento, tão caro aos aprendizes que estão em processo de construção cognitiva.

Os docentes e discentes atualmente vivenciam contextos de transformação social, sobretudo após a pandemia de Covid-19, em que além da real necessidade de adaptação às tecnologias digitais, ainda tivemos de imergir numa cultura digital emergencial, que desde o trabalho ao estudo se tornaram viáveis apenas por causa desse universo criado pelas grandes plataformas que regulam a internet e principais softwares de comunicação no mundo. Nesse viés, a análise sociológica, para o espaço educacional, com

análise do discurso da imagem, precipuamente no contexto docente, é matéria relevante e provocador num novo mundo de hipertextos e discursos vazios.

REFERÊNCIAS

- BANKS, M.; ZEITLYN, D. **Visual methods in social research**. 2. ed. London: Sage, 2015.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BELLONI, M. L. Mídia-educação: contextos, histórias e interrogações. In: FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. (Orgs.). **Cultura Digital e Escolas: Pesquisa e formação de professores**. Campinas: Papyrus, 2012, 368p.
- BELLONI, M. L. Os jovens e a internet: representações, usos e apropriações. In: FANTIN, Mônica; GIRARDELLO, G. (Orgs.). **Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papyrus, p. 99-112, 2008.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura - A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 1. v. 1999.
- DE SOUZA, J. S.; BONILLA, M. H. S. A cultura digital na formação de professores. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 14, p. 23-34, 2014.
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Mil Platôs. **Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34 ed., v. 1, 1995.
- FERREIRO, E. A escrita antes das letras. In: SINCLAIR, H. **A produção de notações na criança**. São Paulo: Cortez, 1990.
- FREEDMAN, K. Cultura visual e identidad. **Cuadernos de Pedagogía**. Barcelona, n. 312, p. 59-61, 2002.
- GODOI, C. K.; UCHÔA, A. G. F. Metodologia de análise sociológica discursivo-imagética: possibilidades aos estudos organizacionais. **Revista Organizações & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 776-794, out./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/FZsV93GPPDKJbZpJ9w79Wxz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2023.
- KRESS, G. **Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication**. New York: Routledge, 2010.
- KRESS, G.; VAN LEEWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2006.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Editor, 2001.

PORDEUS, M. P. **O Ensino Remoto e as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no contexto da pandemia de Covid-19 no Estado do Ceará.** 2021. 174 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2021) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=103371>. Acesso em: 16 nov. 2023.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVEIRA, S. A. Economia da cultura digital. In: SAVAZONI, R.; CONH, S. (Orgs). **Cultura Digital. br.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2009/09/cultu-ra-digital-br.pdf>. Acesso em: 26 out. 2023.

SOUZA, C. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 16, p. 20-45, dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151745222006000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 out. 2023.